

As medidas entram no jogo das trocas

Ruy Fabiano
de Brasília

O primeiro descompasso entre governo e Congresso em relação ao pacote de ajuste fiscal refere-se a prazos. O tom de urgência dado pelo presidente Fernando Henrique e pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, não é compartilhado pelos parlamentares. "Nada aqui será aprovado sem muita conversa", avisava ontem o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (BA), após participar de café da manhã no Palácio da Alvorada com lideranças governistas e o presidente Fernando Henrique.

Inocêncio não é voz isolada. O que disse é repetido no Congresso por políticos como o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP). A oposição, por sua vez, prepara pacote alternativo e quer discutir cada item da proposta do governo. Nada

de alinhamento automático, diz José Genoíno (PT-SP).

Todos sabem que há pressa. Afinal, o FMI aguarda um sinal positivo do Congresso para liberar linha de crédito que proteja o País de ataque especulativo. Mas, o Congresso, em fim de mandato, não parece disposto a abrir o jogo tão rapidamente. O ex-ministro Mailson da Nóbrega vê nisso uma tragédia: "Se o governo for incapaz de criar um clima de emergência no Congresso, as chances de aprovação dessas medidas são muito pequenas".

O Congresso não quer perder a oportunidade política de valorizar o seu voto, discutindo cada ponto do pacote. Há 40% de parlamentares não reeleitos, que querem garantir um lugar ao sol nos próximos quatro anos. E há a pressão de prefeitos e governadores, assustados com os freios que o ajuste pretende pôr em seus planos administrativos.

A base governista, de olho no futuro ministério, duela nos bastidores

em busca de espaços de poder. O pacote é também (e sobretudo) moeda de troca no jogo político. Desde que o governador reeleito de São Paulo, Mário Covas, defendeu mudanças na aliança governista, sugerindo uma guinada à esquerda, deflagrou reações no PFL. Os pefelistas não exibem sua indignação. Seguem máxima de Tancredo Neves, segundo a qual não se faz política com o fígado. Pressionam nos bastidores para sabotar a idéia do Ministério da Produção (para o qual iria o tucano Luiz Carlos Mendonça de Barros) e fazem jogo duro sobre o pacote.

A figura-chave nesse processo é o senador Antonio Carlos Magalhães. Sua capacidade de articulação o torna imprescindível ao esquema parlamentar de Fernando Henrique. Mas atendê-lo significa desatender outros aliados. Os tucanos, cujas bancadas cresceram na Câmara e no Senado, recusam-se a reeleger as mesas diretoras das duas Casas. Querem mais fatias de poder. ■